

Na análise que se propõe aqui, as regras de formação tem seu lugar não na “mentalidade”, mas no próprio discurso. Esses conjuntos de regras são demasiado específicos, em cada um destes domínios para caracterizar uma formação discursiva singular e bem individualizada. O campo pré-conceitual deixa aparecer as regularidades e coações discursivas que tornaram possível a multiplicidade heterogênea dos conceitos.

Para analisar, pois, a formação dos conceitos, não é preciso relacioná-los nem ao horizonte da idealidade, nem ao curso empírico das idéias.

LUISE BUNDY

* *
*

PRADO JUNIOR (Caio). — *História e Desenvolvimento*. Editora Brasiliense. São Paulo. 1972.

Há várias opções para que se tente uma aproximação ou mesmo identificação entre a História e o Desenvolvimento. Dessa maneira, para uma contribuição da História à problemática do desenvolvimento brasileiro, podemos reconhecer, por exemplo, ser viável: 1. — um levantamento dos estudos de História que se voltaram especificamente ou mesmo de maneira genérica para o desenvolvimento do país; 2. — a verificação das conjunturas da História do Brasil, em que o desenvolvimento se processou de maneira mais perceptível e acelerada, procurando-se apurar as suas causas; 3. — em que a historiografia brasileira como tal, e portanto os seus historiadores, pode contribuir para a discussão e compreensão do desenvolvimento? e 4. — o que a História do Brasil, como conteúdo, pode oferecer para o estudo do desenvolvimento.

A nosso ver Caio Prado Júnior em seu último livro escolheu a quarta perspectiva, a que justamente nos parece menos historiográfica, dando em resultado, mais uma história do desenvolvimento — diríamos melhor do subdesenvolvimento brasileiro — discernindo as suas iminentes contradições, como variáveis que não podem deixar de ser tomadas em consideração na análise do nosso atual processo de desenvolvimento.

Assim, o estudo procura explicitar o subdesenvolvimento brasileiro em termos históricos, provocando-nos indagações pertinentes ao nível historiográfico, como: qual o condicionamento real da história do Brasil ao subdesenvolvimento? Como existe uma história subdesenvolvida e um subdesenvolvimento histórico — no caso brasileiro — torna-se portanto, possível reconhecer também, que o subdesenvolvimento não se dá de uma maneira a-histórica.

Assim, não pretendendo dar lições a ninguém, a história do Brasil deve todavia reivindicar a participação no diálogo científico. Tem condições para

mostrar, numa dimensão histórica que também pode ser historiográfica, quanto o conhecimento e interpretação dos fatos, mecanismos e estruturas do passado, podem ser úteis ao entendimento dos fatos, mecanismos e estruturas do presente.

Essa perspectiva nos faz lembrar, nunca direção bastante diversa, os historiadores norte-americanos, que ao nível de uma análise do sistema capitalista, têm procurado identificar certos traços do subdesenvolvimento do Terceiro Mundo de hoje com a evolução do capitalismo comercial — do seu advento à passagem para o capitalismo industrial — ou seja, até que ponto o subdesenvolvimento de hoje e semelhante ao subdesenvolvimento de alguns séculos atrás? (1). Em termos estruturais, tentar-se-ia explicitar problemas econômicos de difícil percepção no presente através da análise de problemas econômicos semelhantes do passado.

*

História e Desenvolvimento é a tese de livre-docência com que o autor pretendia, mais uma vez, lecionar na Universidade de São Paulo, o que conserva implicações que abrem as perspectivas para uma leitura crítica que se lhe promova.

Infelizmente, para a Universidade e para os estudos históricos em nosso país, a pretensão de Caio Prado Junior foi mais uma vez obstada. Com isso a discussão acadêmica que com certeza se daria por ocasião do concurso ficou frustrada, abrindo-se, contudo, agora com o livro, a oportunidade para um debate que por certo terá lugar, repetindo-se possivelmente o que ocorreu com seu livro anterior *A revolução brasileira*.

Revelando a sincronização de suas preocupações intelectuais, o autor quis em 1968 — data do concurso malogrado — chamar o historiador brasileiro ao debate sobre o desenvolvimento do país, pois a tese procurou avaliar “a contribuição da historiografia para a teoria e prática do desenvolvimento brasileiro”.

Aliás, esse programa de trabalho tem atraído também outros historiadores brasileiros, responsáveis pela sua prossecução. Assim é que, em 1970, o Departamento de História da Faculdade de Filosofia de Marília realizou o *I Encontro sobre História e Desenvolvimento* (2), a que se seguiu, em 1972, o *II Encontro*, sobre o mesmo tema, promovido desta feita pelo Departamento de História da Faculdade de Filosofia de Assis, tudo fazendo crer que esse

(1). — Frédéric Mauro, *Nova História e Novo Mundo*, pág. 32. Editora Perspectiva, São Paulo, 1969.

(2). — J. R. Amaral Lapa, *Ideologia da riqueza in Suplemento Literário de “O Estado de S. Paulo”*, 13-6-1971.

diálogo prosseguirá entre os historiadores e demais cientistas sociais. Como ambas as instituições promotoras tem no prelo números especiais de suas respectivas revistas *Estudos Históricos* e *Anais de História*, abrigando as comunicações apresentadas nos encontros, um público interessado maior poderá tomar conhecimento das colocações ali discutidas.

Estamos registrando esses fatos apenas para demonstrar como, de maneira sintomática, vários historiadores resolveram participar do amplo debate que se trava sobre o desenvolvimento brasileiro.

Essa conscientização toma agora maior significação com o lançamento do livro de Caio Prado Junior, pois embora a discussão teórica do tema entre os cientistas sociais data já de algum tempo, a verdade é que a esse debate o historiador não tivera acesso, porque não fora chamado, porque não quis comparecer ou simplesmente porque parecia não ter nada a dizer sobre o assunto.

Essa marginalização foi assim conscientemente quebrada, notando-se mesmo dados animadores como, por exemplo, a participação de historiadores em círculos mais restritos de discussão, que submetem o “modelo” brasileiro de desenvolvimento a um cerrado debate, como é o caso do CEBRAP, por exemplo.

Um novo livro de Caio Prado Junior é sempre lido com interesse pela importância de sua obra anterior, construída com independência e coerência. Em *História e Desenvolvimento*, o autor foge ao padrão comum das teses universitárias. Assim, o esquema da obra obedece uma divisão de capítulos que acaba por perder a sua razão de ser, uma vez que não são titulados, havendo um descompasso no tratamento, o que leva alguns capítulos a terem duas páginas, enquanto outros se estendem em demasia. Como em sua obra anterior (*A revolução brasileira*), também nesta o autor se vale, ou pelo menos indica, um mínimo de recursos bibliográficos, denotando possivelmente uma pretensa auto-suficiência de suas reflexões.

Esta aparente falta de estrutura formal de sua tese nem sequer deveria ser registrada, se ela por outro lado correspondesse à elaboração acadêmica que se poderia esperar, o que realmente não se dá por vários motivos.

Tentando uma síntese de nossa formação e evolução econômica, Caio Prado Junior nos oferece algumas colocações novas em relação ao nível do nosso conhecimento atual da história do Brasil, nesse terreno, como também em relação à sua obra anterior.

Embora datando o livro de 1968, pode-se verificar que ele foi atualizado, particularmente através dos dados arrolados: 1970 (pág. 9), 1971 (pág. 13) e mesmo março de 1972 (pág. 13), que é a data em que reviu a obra. Entretanto, em outros passos os dados estão desatualizados (pág. 72, por exemplo),

como também certas colocações tradicionalmente aceitas, tem entretanto sido revistas por obras outras de história do Brasil, que pelo visto o autor não tomou conhecimento, quando não ainda, suas proposições se esvaziam justamente pela evolução rápida de nossa economia nos últimos anos, o que leva a análise do autor a chocar-se com a realidade histórica da presente conjuntura.

Isso não significa a impertinência de muitas de suas críticas ao “modelo” adotado para incrementar o desenvolvimento, mas limita o alcance do debate, pois é claro que algumas vezes compromete a projeção que o autor faz para o comportamento de nossa economia nos próximos anos.

Se partimos para a discussão de um novo modelo, ideal para o nosso desenvolvimento — uma vez que se exauriu o sistema de substituição das importações — é preciso reconhecer nesse sentido que a complexidade de nossa realidade histórica está a nos mostrar que estamos longe de atingir sua compreensão em termos de uma explicitação do processo de crescimento que mais nos convem. Ainda mais, é preciso que fique claro também, que não se pretende arrogar à história ou à historiografia do Brasil a explicação definitiva ou a chave para arquitetarmos a ideologia de nossa riqueza.

Se os modelos abstratos, alienados de nossa realidade, podem realmente não corresponder, isto é, ao presidir a orientação de nossa política econômica podem ser surpreendidos com entraves que os estrangulem, vemos entretanto que a aplicação ao nível empírico do conhecimento histórico, de soluções que levem em conta os componentes básicos de nossa evolução não são suficientes — seria estultícia supor o contrário — ao ponto de se relegar os esquemas de análise teórica atualmente em debate, quer em defesa quer criticando o sistema.

A contribuição do livro de Caio Prado Junior é justamente a de tentar estabelecer alguns parâmetros, dentro do conhecimento histórico, que devem condicionar o estudo e as soluções propostas para o nosso desenvolvimento.

JOSÉ ROBERTO DO AMARAL LAPA

* * *

*

MARTINS (José de Souza). — *Conde Matarazzo, o Empresário e a Empresa: Estudo de Sociologia do Desenvolvimento*. 2ª edição, São Paulo, Hucitec, 1973.

A publicação do livro de José de Souza Martins, em 2ª edição, era uma obrigação do meio editorial brasileiro para com o jovem e operante professor de Sociologia da Universidade de São Paulo. A primeira edição com o título *Empresário e Empresa na Biografia do Conde Matarazzo* esgotou-se rapida-